

Impresso
na
Câmara Legislativa
do Distrito Federal

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de

Raquel
de Queiroz

BRASÍLIA

A todo instante e com prosaica insistência, algumas pessoas, felizmente poucas, até com a melhor das intenções, põem-se a defender a estapafúrdia tese da volta de Brasília a apêndice da União, pretendendo irracionalmente confiná-la ao Plano Piloto, sob o imprestável argumento de que esta lucraria com a supressão do pesado encargo que representa.

Nem seus destemidos construtores e planejadores chegaram a tanto. Se válida sua teoria, a maioria dos estados brasileiros deveria deixar de sê-lo, por estarem falidos e, portanto, sem condições de sobrevivência, o que esbarra, de pronto, na quebra do princípio federativo, tão caro a todos nós.

O Distrito Federal não é mero reboque, distrito ou município, mas uma unidade federativa, que compõe a Federação, e conquistou sua plena autonomia com a Constituição de 88. É um estado-município, de fato e de direito.

É um grande erro comparar-se esta cidade – monumento incrustado no cerrado – a tantas outras como Ottawa, Pretória, Islamabad

Cidade do verde e dos jardins

□ LEON FREJDA
SZKLAROSKY

ou Camberra, pois ela não foi criada pelo maior dos estadistas que o país produziu, Juscelino, apenas como entidade político-administrativa ou sacrossanto museu, senão e primordialmente como pólo de desenvolvimento e interiorização do Brasil, com avenidas amplas, quadras arborizadas, verdadeiros jardins paradisíacos e milhares de metros de área verde, com ótima qualidade de vida, que poucas cidades possuem. E tem tudo que as melhores cidades têm. Não vamos pôr tudo a perder por mero capricho de alguns poucos.

Há que se notar que o bem mais precioso do universo é o ser humano, daí por que a cidade a ele deve adaptar-se, e não o homem a ela. É uma quimera acorrentar-se a cidade a limites predeterminados. Planejar é coisa bem distinta da idéia de aprisioná-la em limites medievais, muralhas ou guetos, felizmente superados e sepultados pelas cinzas do passado e da história.

O ser humano deve encontrar na cidade seu aconchego, e não seu algoz.

